

A TEOLOGIA DO CUIDADO E OS HORIZONTES DA AÇÃO PASTORAL

THE THEOLOGY OF CARE AND THE HORIZONS OF PASTORAL ACTION

LA TEOLOGÍA DEL CUIDADO Y LOS HORIZONTES DE LA ACCIÓN PASTORAL

Leonardo Donizette de Oliveira¹

Resumo

O artigo parte da constatação de que o homem vive um tempo marcado por crises intensas, vínculos fragilizados e exclusões. Nesse cenário, a Igreja é chamada a reassumir sua missão essencial: cuidar da vida humana em todas as suas expressões. Inspirado no magistério do Papa Francisco, especialmente em sua ênfase em uma “Igreja em saída” e na centralidade da misericórdia, propõe-se que o cuidado seja compreendido como chave hermenêutica para a ação pastoral, isto é, como critério que ilumina, interpreta e orienta toda a práxis eclesial. A teologia do cuidado não é um apêndice, ou seja, não é algo secundário, mas expressão constitutiva da fidelidade da Igreja ao Evangelho. A partir de três parábolas: o Bom Samaritano (Lc 10, 25-39), a Samaritana (Jo 4, 1-42) e o Filho Pródigo (Lc 15, 11-32), o texto demonstra como o cuidado se expressa em formas diversas: como compromisso concreto, como escuta transformadora e como acolhida restauradora. Assim, o cuidado cristão é apresentado não como um mero dever moral, movido por uma atitude ética, mas como o próprio modo de ser de Jesus Cristo, critério teológico para a missão evangelizadora e a espiritualidade da Igreja.

Palavras-chave: teologia do cuidado; ação pastoral; misericórdia; comunidade; espiritualidade do encontro.

Resumen

El artículo parte de la constatación de que el ser humano vive un tiempo marcado por crisis intensas, vínculos debilitados y exclusiones. En este escenario, la Iglesia está llamada a reasumir su misión esencial: cuidar de la vida humana en todas sus expresiones. Inspirado en el magisterio del Papa Francisco, especialmente en su énfasis en una “Iglesia en salida” y en la centralidad de la misericordia, se propone que el cuidado sea comprendido como clave hermenéutica para la acción pastoral, es decir, como criterio que ilumina, interpreta y orienta toda la praxis eclesial. La teología del cuidado no es un apéndice, es decir, no es algo secundario, sino expresión constitutiva de la fidelidad de la Iglesia al Evangelio. A partir de tres parábolas: el Buen Samaritano (Lc 10, 25-39), la Samaritana (Jn 4, 1-42) y el Hijo Pródigo (Lc 15, 11-32), el texto demuestra cómo el cuidado se expresa en formas diversas: como compromiso concreto, como escucha transformadora y como acogida restauradora. Así, el cuidado cristiano se presenta no como un mero deber moral, movido por una actitud ética, sino como el propio modo de ser de Jesucristo, criterio teológico para la misión evangelizadora y la espiritualidad de la Iglesia.

Palabras clave: teología del cuidado; acción pastoral; misericordia; comunidad; espiritualidad del encuentro.

Abstract

The article begins with the observation that humanity lives in a time marked by intense crises, weakened bonds, and exclusions. In this context, the Church is called to reassume its essential mission: to care for human life in all its expressions. Inspired by the magisterium of Pope Francis, especially his emphasis on a “Church that goes forth” and the centrality of mercy, it is proposed that care be understood as a hermeneutical key for pastoral action, that is, as a criterion that enlightens, interprets, and guides all ecclesial praxis. The theology of care is not an appendix, nor something secondary, but a constitutive expression of the Church’s fidelity to the Gospel. Drawing on three parables — the Good Samaritan (Lk 10:25-39), the Samaritan Woman (Jn 4:1-42), and the Prodigal Son (Lk 15:11-

¹ Graduando em Teologia no Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto - SP. Graduado em Filosofia pelo CEARP. Seminarista da Diocese de Ituiutaba-MG.

² (lat. *Cura*; al. *Sorge*; it. *Cura*).

32) — the text demonstrates how care is expressed in diverse forms: as concrete commitment, as transformative listening, and as restorative welcome. Thus, Christian care is presented not as a mere moral duty driven by ethical attitude, but as the very way of being of Jesus Christ, a theological criterion for the Church's evangelizing mission and spirituality.

Keywords: theology of care; pastoral action; mercy; community; spirituality of encounter.

1 Introdução

Diante de um cenário contemporâneo marcado pela fragilidade das relações, crises de sentido e intensas rupturas sociais, a Igreja é constantemente interpelada a retomar o núcleo de sua missão: anunciar o evangelho de Jesus Cristo, testemunhando o seu amor de diversas formas. Nesse contexto, o cuidado² apresenta-se não apenas como resposta para as necessidades urgentes, mas como fio condutor para a ação pastoral, capaz de iluminar a práxis eclesial em sua totalidade. Ao assumir o cuidado como critério teológico, a Igreja é chamada a configurar-se como comunidade curadora, samaritana, próxima, misericordiosa e sensível à dignidade do outro. Como expressa o Papa Francisco (2020), na mensagem para a celebração do 54º dia mundial da paz, ao destacar a urgência de uma cultura que promova a paz por meio do cuidado:

A cultura do cuidado, enquanto compromisso comum, solidário e participativo para proteger e promover a dignidade e o bem de todos, enquanto disposição a interessar-se, a prestar atenção, disposição à compaixão, à reconciliação e à cura, ao respeito mútuo e ao acolhimento recíproco, constitui uma via privilegiada para a construção da paz. 'Em muitas partes do mundo, fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com criatividade e ousadia, processos de cura e de um novo encontro'.

Desse modo, esse artigo tem por objetivo investigar como a teologia do cuidado se manifesta como expressão de uma Igreja acolhedora, e de que modo essa perspectiva pode inspirar práticas pastorais concretas, orientar estruturas eclesiais e favorecer uma espiritualidade do encontro. Parte-se da convicção de que o cuidado não é uma dimensão secundária da missão eclesial, mas elemento constitutivo de sua fidelidade ao Evangelho.

Inicialmente, esse trabalho nasce de uma reflexão sobre os fundamentos evangélicos do cuidado, a partir de três parábolas que refletem essa ação cuidadosa de Deus manifestada por meio de alguns encontros com Jesus Cristo: o Bom Samaritano, como imagem de um cuidado que se compromete; a Samaritana, como símbolo de um cuidado que escuta e dialoga; e o Filho Pródigo, como expressão de um cuidado que acolhe e restitui. Por meio dessas narrativas, evidencia-se que o cuidado ultrapassa a ética da obrigação e alcança a lógica da compaixão, ao revelar o próprio modo de ser de Deus em relação à humanidade.

Na sequência, o artigo se debruça sobre o cuidado como horizonte teológico e eclesial, ao reconhecer que ele deve atravessar as dimensões litúrgica, comunitária, formativa e missionária da vida cristã. A evangelização, compreendida como anúncio que toca a existência, exige uma presença que escuta, acompanha e dignifica. Nesse sentido, o cuidado, constitui-se como critério de autenticidade pastoral.

Por fim, são apresentadas implicações práticas da lógica do cuidado na ação pastoral cotidiana: uma Igreja que se configura como espaço curador, ambiente de escuta e de pertença, onde as estruturas e relações são reparadas à luz da misericórdia. Ao entrelaçar a sabedoria do Evangelho com os desafios concretos do tempo presente, esta reflexão propõe-se a traçar um itinerário teológico-pastoral que inspire uma presença eclesial mais próxima, encarnada e solidária, capaz de assumir as dores humanas e de promover a dignidade da vida.

2 A teologia do cuidado como expressão de uma igreja acolhedora

O cuidado, à luz da figura de Cristo, ultrapassa a mera ação ética e se configura como uma disposição espiritual e relacional. Inspirado no termo latino *custodire*, que significa guardar, vigiar e velar com amor, o cuidado assume a forma de uma presença atenta e compassiva no mundo. Jesus, em sua encarnação, não se apresentou como alguém que controla ou domina, mas como aquele que caminha com o outro, escuta com o coração e se deixa comprometer pela realidade concreta das pessoas. Seus gestos revelam uma sensibilidade única diante da dor e da esperança humana, instaurando vínculos que restauram a dignidade e fortalecem a comunhão. Essa lógica do cuidado, encontra resistência em um mundo marcado pela indiferença, pela competitividade e pela fragmentação social. O Papa Francisco (2020), na *Fratelli Tutti*, denuncia esse cenário com lucidez:

Nesta luta de interesses que nos coloca a todos contra todos, onde vencer se torna sinônimo de destruir, como se pode levantar a cabeça para reconhecer o vizinho ou ficar ao lado de quem está caído na estrada? Hoje, um projeto com grandes objetivos para o desenvolvimento de toda a humanidade soa como um delírio. Aumentam as distâncias entre nós, e a dura e lenta marcha rumo a um mundo unido e mais justo sofre um novo e drástico revés (FT, n. 16).

Essa constatação reforça a urgência de um novo modelo relacional: não se trata apenas de propor gestos individuais de solidariedade, mas de cultivar uma cultura do cuidado que confronte o modelo destrutivo do “cada um por si”. O cuidado, frente à lógica da exclusão, como expressão do seguimento de Jesus, revela-se como possibilidade concreta de humanização e reconstrução da convivência.

Desse modo, a teologia do cuidado, ao ser assumida como um caminho iluminador da ação pastoral, encontra sua concretização na imagem de uma Igreja que acolhe, acompanha e se compromete com a vida. Essa perspectiva não é apenas uma exigência ética, mas expressão da fidelidade evangélica a Jesus, que revelou em sua prática um modo de ser enraizado na compaixão. Pensar o cuidado como expressão de uma Igreja acolhedora é reconhecer que a missão eclesial deve ser vivida em abertura constante ao outro, especialmente ao que sofre, e sempre em coerência com o amor gratuito de Deus. Como afirma o Papa Francisco (2020), “a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher *a todos*” (FT, n. 86) devem fundamentar a espiritualidade e orientar toda ação eclesial. Diante disso, a acolhida, não é mera gentileza institucional, mas dimensão constitutiva de uma Igreja que deseja tornar visível, em sua práxis, a ternura do Pai.

Na realidade contemporânea, marcada por ritmos acelerados, isolamento afetivo e cultura do individualismo, muitos perderam a capacidade de perceber e responder às moções do outro. A escuta se tornou superficial e a presença, muitas vezes, é apenas física, sem uma verdadeira empatia. Por isso, a prática do cuidado proposto por Cristo assume um valor ainda mais urgente: é o chamado a romper o distanciamento por meio de gestos concretos de proximidade e solidariedade. Jesus cuida não por obrigação, mas porque reconhece no outro a presença do Pai; cuida não com desconfiança, mas com ternura e liberdade interior. O seu modo de estar com os excluídos, os doentes, os marginalizados, revela a lógica do cuidado que funda a identidade da Igreja. Essa proposta de cuidado encontra eco nas palavras do Papa Francisco (2020), ao refletir sobre os riscos do fechamento individualista:

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. Esta desilusão, que deixa para trás os grandes valores fraternos, conduz ‘a uma espécie de cinismo. Esta é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão. (...) O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim’ (FT, n. 30).

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que o cuidado cristão vai além do âmbito de um sentimento privado, configurando-se como uma resposta eclesial concreta diante da cultura da indiferença que marca o mundo contemporâneo em que o ser humano está inserido. Ele se expressa como uma forma de resistência evangélica às lógicas de exclusão e ao

individualismo predominante, instaurando um modo de ser fundamentado na comunhão, na corresponsabilidade e no compromisso com a dignidade de cada pessoa.

É assim que a teologia do cuidado torna-se expressão viva de uma Igreja verdadeiramente acolhedora. Uma Igreja que cuida é aquela que não teme se aproximar das feridas humanas, que assume como missão a escuta compassiva e a presença transformadora. O discipulado cristão implica em assumir essa postura de vigilância amorosa e atenção encarnada. Cuidar, não é apenas uma função pastoral, mas um estilo de vida, um critério de autenticidade eclesial e uma resposta concreta à vocação batismal de configurar-se a Cristo. Sem o cultivo dessa espiritualidade do cuidado, a missão evangelizadora perde sua força humanizadora e a comunidade cristã corre o risco de tornar-se apenas um espaço funcional, distante do Evangelho vivido por Jesus.

Essa certeza exige da Igreja mais do que gestos esporádicos de hospitalidade. Ela pede uma cultura de encontro que atravesse estruturas, discursos e relações. Amar e acolher a todos, sem distinção, é reconhecer em cada pessoa a imagem de Deus e, por isso, tratá-la com reverência e respeito. Nesse itinerário, a espiritualidade do cuidado torna-se caminho de conversão comunitária. Conduz a Igreja a deixar a autorreferencialidade e a assumir uma presença aberta, sensível e compassiva. Uma Igreja assim não escolhe quem merece ser amado, mas se deixa guiar pelo Evangelho, que rompe as barreiras e constrói comunhão. Amar e acolher a todos não é apenas uma doutrina, mas um imperativo evangélico: exige que cada ser humano se coloque, livremente, diante do outro com respeito. Trata-se de um chamado à Igreja para redescobrir continuamente seu modo de ser no mundo.

2.2 Os fundamentos evangélicos do cuidado

A teologia do cuidado encontra sua fonte mais profunda na própria vida e missão de Jesus, que não apenas ensinou sobre o amor ao próximo, mas o encarnou em gestos concretos de compaixão e proximidade. Tal atitude brota de uma visão integral da pessoa humana, criada para a comunhão e portadora de uma dignidade inalienável. Como é observado por Brustolin (2006): “na sua totalidade, o ser humano é imagem e semelhança de seu Criador. Deriva dessa percepção o fato de ele não ser criado para a solidão, mas para a comunhão. A vida humana tem uma dignidade sagrada, porque está aberta aos outros e ao Mistério” (p. 448). Diante disso, desde o início de sua vida pública, ao proclamar na sinagoga de Nazaré que o Espírito do Senhor o havia ungido para anunciar a Boa-Nova aos pobres, libertar os oprimidos e curar os corações feridos (Lc 4,18), Jesus revela que cuidar é o centro de sua identidade. Seus gestos de tocar os

intocáveis, perdoar os pecadores, dar voz aos excluídos e restituir dignidade aos marginalizados tornam visível o amor do Pai que se aproxima da humanidade ferida.

Jesus é o Bom Pastor que conhece e dá a vida por suas ovelhas (Jo 10,11), é o Bom Samaritano que se inclina sobre o ferido, unge suas feridas e permanece ao seu lado (Lc 10,30-37). Em sua compaixão, aproxima-se dos doentes, dos pecadores, dos desorientados, e em cada encontro, cuida, cura e reconstrói. Jesus não está distante do ser humano. Ele é a manifestação de um Deus próximo. No ápice de sua missão, na cruz, oferece o dom supremo do cuidado: entrega sua vida para libertar todo o ser humano da escravidão do pecado e da morte, e ao revelar o caminho do amor, convida a todos: “Vai, e faz tu também o mesmo” (Lc 10,37).

Essa centralidade evangélica do cuidado é continuamente alimentada pela vida da Igreja, que é chamada a reconhecer sua vocação na ternura e na misericórdia. Conduzir os fiéis a uma vivência concreta do cuidado, por meio de gestos de escuta, presença e compaixão, integra o processo de configuração ao Cristo servidor.

A opção de Jesus pelos pequenos, pobres e excluídos manifesta-se com especial força em seus inúmeros encontros narrados pelos Evangelhos. Ele não se aproximou dos que estavam no centro, mas dos que estavam à margem: publicanos, mulheres rejeitadas, leprosos, endemoninhados, viúvas, estrangeiros e condenados. Em cada um desses encontros, Jesus rompe com as estruturas da exclusão e reconfigura relações a partir da lógica da misericórdia expressa em gestos de um cuidado terno. Seu olhar restituía dignidade, sua palavra reanimava a esperança, seu toque curava feridas visíveis e invisíveis.

Ao agir assim, o Mestre revela que a fidelidade ao Reino passa pela proximidade com os que sofrem e pela denúncia das estruturas que desumanizam. Ele não apenas viu o sofrimento humano, mas deixou-se tocar por ele, ao escolher caminhar com aqueles que eram desprezados e silenciados. Assim, a teologia do cuidado encontra, nos gestos e escolhas de Jesus, sua fonte mais pura: um amor que se faz próximo, que acolhe sem julgar, que cura sem excluir, que liberta sem impor. Esse amor encarnado é o modelo e o chamado permanente à Igreja de todos os tempos.

2.3 A pedagogia de Jesus no cuidado: ver, dialogar e acolher

A teologia do cuidado, antes de ser um projeto pastoral, nasce como resposta a um imperativo humano e existencial: deixar-se comprometer pela presença do outro, especialmente quando esse se apresenta em sua vulnerabilidade. Essa dinâmica está inscrita no coração do

Evangelho e se manifesta com clareza nas parábolas de Jesus, que, ao narrar situações concretas, revela a exigência ética de uma relação comprometida com o próximo.

Na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), Jesus desloca a pergunta do Mestre da Lei: “Quem é o meu próximo?” para uma outra perspectiva: “De quem me faço próximo?”. O centro da reflexão deixa de ser a identidade do outro e passa a ser a disposição interior de reconhecer a dor alheia e de responder concretamente a ela. Não se trata de delimitar quem merece cuidado, mas de cultivar a capacidade de tornar-se próximo daquele que sofre.

A parábola desloca a moral da obrigação para a espiritualidade da compaixão. Um homem ferido, caído à beira da estrada, torna-se a manifestação da alteridade que interpela e convoca. O Samaritano, figura culturalmente marginalizada, rompe o comodismo e direciona o movimento do cuidado: ele vê, compadece-se, aproxima-se, toca, trata e garante continuidade no zelo. A proximidade é mais que uma decisão ética encarnada, é algo inerente ao ser humano, é cuidado que se compromete com o tempo e com a construção de vínculos de comunhão.

O cuidado não nasce do dever frio, mas da visão afetiva e espiritual da realidade. Ver é reconhecer no outro um reflexo da imagem de Deus. A teologia do cuidado começa com a disposição interior de permitir-se afetar pela dor do outro, um ver que é oração silenciosa e presença contemplativa. Como recorda o Papa Francisco (2020), “sobretudo deu-lhe algo que, neste mundo apressado, regateamos tanto: deu-lhe o seu tempo” (FT, n. 63). A parábola ensina ao ser humano que não há verdadeira espiritualidade distante da responsabilidade pelo outro.

Essa exigência se aprofunda na narrativa do encontro com a mulher samaritana (Jo 4,1-42). Jesus, cansado do caminho, inicia um diálogo com uma mulher marcada pela exclusão religiosa e social. Essa mulher não tem a verdade, mas a busca. Ao pedir-lhe de beber, rompe barreiras culturais e dá início a uma escuta da sede existencial que habita aquela vida. O cuidado, nessa cena, se expressa como escuta transformadora: Jesus não oferece soluções rápidas nem condenações, mas revela-se como dom ao reconhecer a dignidade oculta e esquecida naquela mulher. O encontro devolve-lhe a palavra, a autonomia e a alegria de pertencer. O cuidado se mostra como disponibilidade para estar com, para ouvir e para revelar no outro a possibilidade de recomeço.

Na parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), o cuidado é sinal de acolhida e restituição. A figura do pai rompe as expectativas da justiça distributiva ao correr ao encontro do filho que retorna, mesmo antes de qualquer confissão. Diante da cena evangélica que revela que no coração daquele filho, o seu pai já se encontrava como que morto ao pedir a parte da herança. A marcante página do evangelho revela ao ser humano um abraço que restitui a dignidade e

celebra a vida daquele que antes perdido se encontrava. O cuidado é movimento que antecipa, que restaura e que faz festa pelo simples fato de o outro existir.

Trata-se de uma lógica que vai além do merecimento e que educa para uma gratuidade transformadora. O filho mais velho, revela o desafio que o cuidado enfrenta diante da rigidez moralista e da incapacidade de alegrar-se com a vida do outro. Como alerta o Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, “por trás da repulsa de certas formas visíveis de violência, muitas vezes esconde-se outra violência mais dissimulada: a daqueles que desprezam o diferente” (FT, n. 218). Cuidar é também acolher o que resiste, o que se fecha, o que ainda não compreende.

Essas parábolas revelam que o cuidado cristão é sempre interpessoal e nunca indiferente. Ele exige envolvimento, escuta, presença e abertura à alteridade. Mais que um ato isolado, cuidar é entrar na dinâmica da encarnação, em que o outro deixa de ser conceito e tornase rosto. É ali, no entrelaçamento das histórias, que se dá o verdadeiro encontro: um encontro que fere, cura, restaura e envia. Portanto, o evangelho não oferece uma ética do dever abstrato, mas propõe um modo de ser no mundo que brota da relação, uma teologia encarnada no olhar, no toque, no diálogo e na celebração do retorno. É nesse horizonte que se compreende o cuidado como expressão radical da vocação humana ao amor.

2.4 O cuidado como horizonte teológico e eclesial

O cuidado é uma dimensão essencial da vida cristã e, por isso, deve ser também um dos eixos que estruturam a vida da Igreja. Mais do que uma prática ocasional ou emergencial, cuidar é assumir uma postura permanente de atenção, escuta e presença diante do outro, especialmente em situações em que a vida se encontra ameaçada ou fragilizada. A Igreja, enquanto comunidade gerada pelo Evangelho, não pode existir senão como lugar de vínculos vivos, onde a acolhida, a misericórdia e a proximidade são expressões concretas da fé. Essa compreensão não é nova: ela se enraíza na tradição viva da Igreja e em sua doutrina social, que ao longo dos séculos consolidou princípios fundamentais capazes de inspirar uma verdadeira cultura do cuidado. Como afirma o Papa Francisco (2020) na carta para o 54º Dia Mundial da Paz:

A diakonia das origens, enriquecida pela reflexão dos Padres e animada, ao longo dos séculos, pela caridade operosa de tantas luminosas testemunhas da fé, tornou-se o coração pulsante da doutrina social da Igreja, proporcionando a todas as pessoas de boa vontade um precioso patrimônio de princípios, critérios e indicações, donde se pode haurir a “gramática” do cuidado: a promoção da dignidade de toda a pessoa humana, a solidariedade com os pobres e indefesos, a solicitude pelo bem comum e a salvaguarda da criação.

O cuidado, mais do que uma ação pontual de caridade, constitui critério de autenticidade eclesial: uma Igreja que não cuida deixa de manifestar o rosto de Cristo que passou pelo mundo fazendo o bem. Como destaca Silva (2010), “a gratuidade tem uma força pedagógica, enquanto estimula os outros ao aprendizado de que não se é suficientemente agradecido ao Criador se não há cuidado pelo outro nem pelas outras coisas” (p. 412). Desse modo, o cuidado torna-se um eixo permanente da vida eclesial, como estilo evangélico de ser no mundo, enraizado nas relações que sustentam sua missão.

A vida da Igreja nasce e se sustenta na relação: com Deus, com os irmãos, com o mundo. É no entrelaçamento dessas relações que se reconhece a força da comunhão e o desafio do amor como caminho concreto de seguimento de Jesus. O cuidado está presente nas liturgias bem celebradas, nos encontros que respeitam o tempo de cada pessoa, nas estruturas que não esmagam, mas se levantam; nas palavras que curam e nos gestos silenciosos que sustentam. Ele se revela na escuta atenta que não julga, mas acolhe; na catequese paciente que compreende que a fé é caminhada; na presença junto aos enfermos e idosos, em que o tempo se transforma em dom; na partilha com os pobres, que devolve dignidade e esperança.

O cuidado se manifesta também no abraço que reconcilia, nos pequenos serviços que mantêm a vida comunitária viva, na formação que busca amadurecer corações e não apenas preparar funções. Ele se vê no zelo pela criação, que é casa comum e dom de Deus, e na oração que se torna bálsamo que cura, onde o coração se ajoelha diante de Deus em favor do irmão. O cuidado é sinal do Reino e método da missão: onde há cuidado, o Evangelho é anunciado; onde o cuidado falta, a Igreja corre o risco de se tornar apenas um eco vazio e uma presença ausente.

2.5 Evangelizar é cuidar: o anúncio do Evangelho como presença e compaixão

Anunciar o Evangelho é colocar-se a caminho com os outros, escutar suas histórias, reconhecer suas feridas, celebrar suas conquistas e permanecer ao lado mesmo quando a resposta tarda ou o retorno parece impossível. A experiência de anunciar a Boa-Nova encontra sua autenticidade quando se faz proximidade real com a vida do outro, não como quem se impõe, mas como quem caminha junto, ao partilhar esperanças e carregar fardos. Nesse caminho, o Papa Francisco, indica para o ser humano que “o manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo” (FT, n. 277), que ensina a primar sempre pela relação, pelo encontro e pela comunhão.

Em muitas comunidades e realidades eclesiais, esse cuidado se expressa de forma silenciosa e eficaz: no acolhimento que não interroga, no abraço que não julga, na escuta que

não apressa, na paciência que não desiste. Ele se revela nos detalhes que passam despercebidos, mas que sustentam a vida: um olhar atento, um café partilhado, uma escuta sem pressa. Evangelizar é cuidar quando a catequese é feita com sensibilidade, quando o sacramento é mais que rito, é encontro; quando a visita a um enfermo é mais que dever, é presença.

É cuidado também quando se respeita o tempo de quem chega pela primeira vez, carregando as suas dúvidas, feridas ou silêncios. Quando há espaço para a fragilidade, para o recomeço, para o não saber. É cuidado quando a formação respeita o processo de cada um e quando os ministérios são exercidos com espírito de serviço e humildade e não como mera disputa de dons. O Papa Francisco (2020), mais uma vez alerta, para os riscos de uma vivência comunitária centrada apenas no conforto das relações fechadas, sem abertura verdadeira ao outro:

[...] O mais nobre sentido social hoje facilmente fica anulado sob intimismos egoístas com aparência de relações intensas. Pelo contrário, o amor autêntico, que ajuda a crescer, e as formas mais nobres de amizade habitam em corações que se deixam completar. O vínculo de casal e de amizade está orientado para abrir o coração em redor, para nos tornar capazes de sair de nós mesmos até acolher a todos. Os grupos fechados e os casais autorreferenciais, que se constituem como um 'nós' contraposto ao mundo inteiro, habitualmente são formas idealizadas de egoísmo e mera autoproteção (FT, n. 89).

Essa advertência ilumina a prática pastoral, ao lembrar que o cuidado cristão se faz pleno quando desinstala, lança o ser humano ao encontro do outro com generosidade e coragem. Não se trata de proteger vínculos “puros” ou preservar círculos fechados de convivência, mas de cultivar corações dispostos a acolher. Acolher não é apenas admitir a presença do outro, mas criar espaço interior para que ele exista com sua verdade, suas feridas e esperanças. É permitir que o diferente interpele, que o vulnerável humanize, que o distante se torne próximo. Acolher é o primeiro gesto do cuidado evangélico, expressão concreta da compaixão de Jesus e sinal visível de uma Igreja que deseja ser casa para todos. Quando esse acolhimento se torna critério para evangelizar, o anúncio do Evangelho deixa de ser imposição e se torna encontro, ao gerar vida e esperança.

Evangelizar é tornar visível que o Reino de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade que começa a acontecer onde alguém se sente olhado, escutado e valorizado. A comunidade eclesial que vive essa dinâmica se torna espaço de reconstrução da vida, lugar onde a ternura se faz linguagem do sagrado e onde o cuidado é discernimento de verdade. Para isso, é fundamental que esse espírito do cuidado se traduza em atitudes concretas no dia a dia da Igreja. O que se vive na fé precisa chegar às escolhas pastorais, aos modos de organizar, servir

e estar presente. É nesse horizonte que se insere a ação pastoral como lugar onde o cuidado ganha forma visível e transforma realidades. Como recorda o Papa Francisco (2013), na *Evangelii Gaudium*:

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva (EG, n.24).

Nesse movimento, o cuidado se torna o rosto visível dessa Igreja em saída. É ele que sustenta o passo ao ir ao encontro, que molda a palavra para que ela não machuque, mas cure, e que abre espaço para que cada pessoa se sinta chamada pelo nome. Uma Igreja que cuida não caminha com pressa, mas com atenção; não passa ao largo, mas se inclina; não oferece apenas doutrina, mas também presença, e esperança.

3 Ação pastoral na dinâmica do cuidado

Depois de refletir, nas parábolas evangélicas, como o cuidado se revela como expressão do amor misericordioso de Deus, que se aproxima, escuta e acolhe, o ser humano é convidado agora a considerar como esse mesmo cuidado deve moldar concretamente a ação pastoral da Igreja. Esse cuidado não se limita à atenção individual, mas se estende à vida da própria comunidade eclesial, convocando-a a cultivar relações reconciliadas e a testemunhar a unidade que nasce do Evangelho. Como afirma o Papa Francisco (2020):

Ao mesmo tempo, pedimos a Deus que fortaleça a unidade dentro da Igreja, unidade que se enriquece com diferenças que se reconciliam pela ação do Espírito Santo. Com efeito, “num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo” (1 Cor 12,13), onde cada um presta a sua contribuição peculiar. Como dizia Santo Agostinho, “o ouvido vê através do olho, e o olho escuta através do ouvido”. Também é urgente continuar a dar testemunho dum caminho de encontro entre as várias confissões cristãs. Não podemos esquecer o desejo expresso por Jesus: “Que todos sejam um só” (Jo 17,21). Ao escutar o seu convite, reconhecemos com tristeza que, no processo de globalização, falta ainda a contribuição profética e espiritual da unidade entre todos os cristãos (FT, n. 280).

O cuidado, enquanto atitude teológica, exige linguagens, estruturas e práticas que traduzam, de forma visível, a lógica do Reino. Essa lógica é inseparável do testemunho da unidade, que não apaga as diferenças, mas as reconcilia na ação do Espírito. O cuidado pastoral,

como expressão da misericórdia de Deus, passa pelo reconhecimento da corporeidade como condição da presença no mundo. O discernimento, como lembra Bingemer (2017):

passa através da corporeidade que é a nossa condição de presença no mundo. Todos os sentidos têm que estar presentes quando se trata de realizar uma reunião com o outro. É preciso olhar, ouvir, tocar, ficar mais perto sempre, para não só dar, mas também e igualmente receber o que o outro tem para mim.

Essa espiritualidade do encontro revela um cuidado que não é abstrato, mas se faz carne, se aproxima com delicadeza e constrói comunhão a partir da escuta e da troca. Cuidar é, também, zelar pela comunhão e pelo encontro entre os diferentes, ao fazer da própria Igreja um sinal vivo do desejo de Jesus: que todos sejam um. Essa unidade, enraizada no amor, deve se refletir no modo como a missão é vivida no cotidiano e nas escolhas pastorais que expressam o rosto misericordioso do Pai.

A vida da Igreja, em sua missão cotidiana, é chamada a ser espaço onde os gestos evangélicos de misericórdia ganham continuidade. Se o Bom Samaritano revelou que o cuidado compromete, a Samaritana mostrou que ele escuta e dialoga, e o Pai da parábola do Filho Pródigo ensinou que ele acolhe e restitui, então a ação pastoral deve assumir essas dinâmicas como critério de autenticidade. A pastoral não é apenas organização de atividades, mas lugar onde a fé se torna gesto encarnado, onde a escuta se torna critério, a compaixão se faz presença, e o acolhimento é mais do que um gesto pontual, é uma forma de ser Igreja.

3.1 A Igreja como espaço de escuta, presença e acolhimento

A vida comunitária da Igreja, em todos os seus níveis, paroquial, diocesano, formativo, missionário, revela sua fidelidade ao Evangelho quando se torna lugar de escuta e refúgio para os feridos. A pastoral não se reduz somente a eventos ou programas, mas se configura como campo de relações curadoras e restauradoras, onde cada pessoa encontra um espaço para ser reconhecida e amada. Essa escuta não é passiva, mas ativa e compassiva, como aquela que Jesus oferece à mulher samaritana: uma escuta que revela, cura e reintegra, ao devolver a palavra. Trata-se de construir relações que não instrumentalizam o outro, mas o reconhecem em sua própria vida. Como afirmam Quirino e Oliveira:

As relações de cuidado jamais serão entre sujeito-objeto, mas entre sujeitosujeito. Não se trata de relação de domínio, mas de integração, convivência, intervenção, comunhão. Cuidar é sintonizar-se com, justapondo razão e sentimento. O salto é dado da atitude utilitarista para o real valor do outro. Desse valor nascem a alteridade, o respeito, a sacralidade, a reciprocidade, a complementaridade em relação ao destinatário do cuidado (Quirino; Oliveira, 2022, p. 14).

Essa visão confirma que o cuidado autêntico não nasce de relações hierárquicas ou funcionais apenas, mas de vínculos entre sujeitos que se reconhecem mutuamente. Trata-se de uma relação marcada pela integração, comunhão e reciprocidade, onde razão e afeto caminham juntos e o outro é percebido como portador de valor e sacralidade. Ninguém é reduzido a número, função ou problema, mas acolhido como presença singular e insubstituível. Quando essa lógica se encarna no cotidiano da pastoral, ela gera uma presença que não controla nem corrige de longe, mas acompanha, permanece e caminha junto, fazendo do cuidado um modo de ser Igreja.

O cuidado pastoral começa pela capacidade de estar com o outro. Estar com os que sofrem, com os que retornam, com os que ainda não compreendem, com os que caminham devagar. Trata-se de uma pastoral da presença, que valoriza os processos e acompanha as histórias. Como na parábola do Pai Misericordioso, o filho que retorna para a sua casa após ter pedido a parte de sua herança, o cuidado não espera perfeições, mas celebra passos; não exige justificativas, mas oferece vestes novas; não contabiliza erros, mas promove reencontros. Nesse sentido, a ação pastoral torna-se um verdadeiro exercício de compaixão encarnada, que gera pertencimento, restaura a vida e anuncia a salvação como festa. Como recorda o Papa Francisco (2015), “o Senhor podia convidar os outros a estar atentos à beleza que existe no mundo, porque Ele próprio vivia em contacto permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de carinho e admiração” (LS, n. 97). Assim também a presença pastoral é expressão desse olhar amoroso que reconhece, espera e celebra cada passo dado.

Cuidar é também discernir com sensibilidade. O critério pastoral não pode ser apenas a aplicação de normas, mas a abertura aos sinais da vida e à escuta do Espírito que fala por meio das realidades humanas. Cuidar implica reconhecer que há feridas que pedem tempo, que há perguntas que não têm respostas prontas e que há trajetórias que só podem ser compreendidas a partir do acompanhamento paciente. Por isso, o cuidado torna-se também critério de discernimento: o que cuida permanece, o que fere se corrige, o que exclui se reflete. A comunidade que cuida é aquela que sabe celebrar a diversidade, respeitar os ritmos e incluir os que a sociedade descartou.

Uma Igreja assim compreendida torna-se casa onde se pode respirar, espaço onde se pode ser e lugar onde a misericórdia se torna linguagem visível do Evangelho. Afinal, como recorda o Papa Francisco (2020), “cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (FT, n. 284).

Nesse itinerário, a Igreja se reconhece não apenas como instituição, mas como casa de humanidade reconciliada, iluminada pela ação do espírito, onde o cuidado é expressão concreta da fé que se encarna na vida. A escuta se torna lugar teológico, a presença revela o mistério de Deus entre nós e o acolhimento se configura como linguagem silenciosa do Reino. Ser comunidade cristã é cultivar um espaço onde a dignidade é restituída, o tempo do outro é respeitado e a diferença é reconhecida como dom. Quando vive assim, a Igreja não apenas anuncia o Evangelho, mas o torna visível.

4 Considerações finais

Ao longo desta reflexão, ao integrar as parábolas evangélicas com os horizontes da teologia do cuidado, enriquecidos pelos documentos do Magistério do Papa Francisco, tornou-se evidente que o cuidado, à luz da atuação concreta de Jesus, não se apresenta como um tema secundário, nem tampouco opcional, mas como um princípio fundamental que estrutura a identidade e orienta a missão da Igreja no mundo.

Cuidar é mais do que um gesto isolado de generosidade; é uma maneira de habitar o mundo a partir da lógica do Reino, onde a misericórdia, o olhar atento, a escuta sensível e a compaixão moldam as relações e sustentam a vida comunitária. Por isso, o cuidado não se limita a ações pontuais ou assistenciais, mas configura-se como um princípio teológico que inspira e orienta a ação pastoral da Igreja, impulsionando-a a renovar processos, criar novas linguagens e dinamizar a missão com um rosto mais humano, próximo e transformador.

A partir dos fundamentos evangélicos, o cuidado comprometido do Bom Samaritano, o cuidado dialogante do encontro com a Samaritana e o cuidado acolhedor do Pai misericordioso revelam que o agir pastoral autêntico brota da escuta profunda da realidade, da sensibilidade diante da dor e da capacidade de gerar recomeços. Esses relatos não são apenas belas narrativas: são itinerários espirituais que convocam a Igreja a um permanente êxodo de si, a um deslocamento missionário que não parte de imposições, mas de uma presença solidária, dialogante e misericordiosa.

Diante de tais considerações, fica claro que o cuidado é uma condição *sine qua non* para a ação pastoral da Igreja. Não se trata de um complemento ou de uma resposta em torno aos desafios contemporâneos, mas de um eixo constitutivo da missão eclesial. O cuidado funda uma espiritualidade encarnada, enraizada na vida cotidiana e aberta à presença de Deus que se manifesta nas realidades humanas mais frágeis. Pensar a missão da Igreja a partir dessa lógica

é assumir uma nova sensibilidade pastoral, capaz de transformar a escuta em serviço, a compaixão em comunhão e o anúncio em testemunho de esperança.

Como horizonte concreto para essa caminhada, a Igreja é desafiada a promover uma pastoral da proximidade, estruturada em processos formativos que eduquem para a cultura do cuidado, em dinâmicas comunitárias que valorizem os vínculos e em práticas missionárias que façam da misericórdia um critério de discernimento, isto é, significa deixar que o olhar e o coração de Cristo orientem cada decisão pastoral.

É assumir que a verdade do Evangelho se expressa plenamente quando passa pelo filtro da compaixão e da proximidade. Assim, a pastoral não se limita a aplicar normas, mas busca caminhos que restaurem, incluam e façam florescer a dignidade de cada pessoa. Discernir pela misericórdia é escolher, em cada passo, o que mais se assemelha ao coração de Jesus, que sempre priorizou a vida, o perdão e a reconciliação.

Portanto, evangelizar é colocar o coração em movimento: traduzir a misericórdia do Pai em gestos, atitudes e estruturas que acolhem, curam e permanecem. A teologia do cuidado não apenas inspira reflexões, mas exige conversão pastoral, ao convocar a Igreja a ser sinal visível do amor que salva e presença concreta da esperança que resiste nas dores e nas esperanças da humanidade.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2011.

BINGEMER, M. C. L. **A cultura do encontro**. Rio de Janeiro: Departamento de Teologia da PUC-Rio, 2017. Disponível em: http://agape.usuarios.rdc.pucRio.br/amai/a_cultura_do_encontro.pdf. Acesso em: 02 jun. 2025.

BRUSTOLIN, L. A. **A vida: dom e cuidado — antropologia teológica e ética do cuidado**. **Revista de Teologia** (Rev. Trim.), Porto Alegre, v. 36, n. 152, p. 441-460, jun. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/1732/1265>. Acesso em: 3 maio 2025.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Edição Típica Vaticana**. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco para a 54ª Dia Mundial da Paz** (1º de janeiro de 2021): A cultura do cuidado como percurso de paz, 8 dez. 2020. Vaticano: Santa Sé, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco_2020_1208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 3 de maio de 2025.

SILVA, J. J. de M. Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 36, p. 411-419, set./dez. 2010. DOI: 0.17771/PUCRio.ATeo.17725. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17725/17725.PDF>. Acesso em: 3 de maio de 2025.

MÜLLER, P. E. **A Cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco**. Uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo. Porto Alegre: PUCRS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14934/1/000494192Texto%2BCompleto0.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 3 maio 2025.

PAPA FRANCISCO. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 3 maio 2025.

PAPA FRANCISCO. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 3 maio 2025.

QUIRINO, A. T.; OLIVEIRA, B. M. de. **Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero**. São Paulo: Paulus, 2022. (Coleção Vocação e Formação).

Data de submissão: 15/09/2025

Data de aceite: 13/11/2025